

"Diário do Povo"

# Heládio Brito. Um artista que busca a "poética da Matemática"

O que pensar de um poeta que diz ter desejos de "montar um poema que não dissesse nada" que fosse apenas lúdico e feliz como um móvel? O que achar de um poeta que tem a certeza de que em arte, fez muito pouco e que "se recomeçasse agora, faria muito menos"?

Assim é Heládio Brito. Industrial, empresário, poeta e ensaísta, que nasceu em Amparo e que escolheu Campinas para morar. De estatura mediana, fala mansa e rápida, barba branca que não denota paz e sim sua alma complicada e questionadora que na maioria das vezes procura descomplicá-la para ser compreendido e até amado, o poeta de poemas cósmicos e de colagens, vai revelando seu universo, sua arte, que define como "a procura da matemática da poesia ou a poética da matemática".

— "Ah Apesar de querer saber a exatidão das palavras, eu quero saber o que existe além do que eles podem significar. Por isso, pra mim, a vida é a própria linguagem. Não sei se sincopada. O que sei é que os processos que dela emanam, são orgânicos e chegam a nós em formas articuladas".

Heládio procura ser mais explícito:

"Dizem que no ruído, as coisas se calam e que no silêncio tudo se fala. Assim, acho que a cada ser vivente, cabe a interpretação desta reflexão. O que sei, é que somos o que somos, desde o código genético. Dessa forma, acho que o nosso inconsciente também se institui como linguagem. E para mim, sempre haverá a dualidade em tudo. O que nos falta, nos constitui. O homem é o sonho do homem. Por isso é que tenho a certeza de que o universo é tecido e feito de acasos, reproduzido pelo tear da invariância. Nisso tudo, chegam a ordem, as regras, os parâmetros, formando um tecido imenso de naturalidade e espontaneidade".

"Mais simples"

Não querendo colocar-se como poeta concretista, porque sabe que a simbologia e o lirismo saem do seu coração através das palavras que constroem frases e diálogos, Heládio gostaria de ter os pés no chão, a sensibilidade mais perto do cheiro da terra, para que sua mensagem fosse mais amplamente aceita. Mas ele sabe. É um cultuador inveterado de Stéphane Mallarmé, Flaubert, Marquês de Sade, Freud e Lacan:

— Eu queria ser mais simples sim. Eu gostaria de ter a simplicidade humilde de Manoel Bandeira. Mas eu não posso deixar de concordar com Flaubert, quando ele diz que "somente pode escrever sobre



*Heládio não se considera um poeta concretista, embora sua obra se assemelhe a este gênero. Ele confessa que gostaria de ser mais simples, para ser melhor compreendido, mas diz que tem que "concordar com Flaubert, quando ele diz que "somente pode escrever sobre a natureza do fogo, aquele que tem a mão queimada". Depois da explicação, pergunta:*

*"Será que me faço entender"? Heládio se diz um ateu que não sabe onde está indo. Sua certeza maior é: "Caminho. Buscando"*

homenagem a cézanne  
heládio a. brito

as peras as peras as peras as peras  
as as peras as peras as peras as peras  
peras as peras as peras as peras  
as peras as peras as peras as peras  
as as peras as peras as peras as peras  
peras as peras as peras as peras  
as peras as peras as peras as peras  
as as peras as peras as peras as peras  
peras as peras as peras as peras

ásperas arestas quando em palavras



a natureza do fogo, aquele que tem a mão queimada".

Sorrindo desajeitado, Heládio limpa os aros de seus óculos redondos e diz:

"Será que me faço entender?"

Se existe a busca do que há por trás da linguagem e da poesia, Heládio tenta deixar, via de regra, seus poemas cósmicos e de colagens, partindo para um exercício de escrever mais ameno e mais condizente com o dia-a-dia. Para a controvertida série Joanna, estreada por Regina Duarte, escreveu o episódio Surra-se Uma Criança, segundo ele, um hino de amor a São Paulo. Para o extinto programa da Tvê Globo — Globo Shell — escreveu os programas Barroco Mineiro e O Último Dia do Lampião.

Prosa e poesia

Versejar poemas, entretanto, é a sua constante. E aí estão suas obras Cantigas de Quem Será e Oficina. Como ensaísta, tem trabalhos sobre Resnais, a poesia de Mallarmé, a pintura de Wesley Duke Lee, a musicalidade de Pierre Boulez e a arte fotográfica de Manarini.

Sorrindo mais uma vez desajeitado, como se não se fizesse compreender, Heládio quer mesmo é a sua poesia cósmica, feita a nível de colagem, tendo por meta, um único referencial:

"O homem. O que sinto é que sua integridade e dignidade sejam desmentidas a toda hora. Por isso é que eu quero ainda fazer um grande painel com a minha poesia espacial e depois colocá-lo em uma rua movimentada, para que as pessoas pensem, raciocinem, encontrando a razão do viver, que sempre é uma grande aventura. Na verdade, somos seres de desejos. Este desejo me mostra um vazio muito amplo. E eu gosto do que é muito pouco. Na verdade, eu preciso dessa dualidade".

Preferências

Sem reverências e querendo ser mais explícito, o poeta de sorriso doce, vai mais além:

"As minhas preferências não param por aí. Eu amo e me indentifico com a linguagem seca de João Cabral de Mello Netto, os últimos quatro concertos de Beethoven, o deserto eletrônico de Varese, e lâmina cega da voz de João Gilberto, a magra androgênia de Caetano Veloso, a pintura ausente de Thomaz Perina, da pessoa exata de Rubem Alves. O traço nítido de Raul Porto, a espera angustiante do texto de Beckett, a escassez de Kafka, a aridez de Brecht, a inversão de cânone em Bach e a inquietude da forma em Stravinsky. Pra onde vou? Não sei. Só sei que sou ateu. Por isso caminho. Buscando".